

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025.r6a26>

Recebido em: 10/08/2025

Aceito em: 26/08/2025

ESTUDOS DECOLONIAIS E PENSAMENTO CRÍTICO NA LITERATURA PORTO-VELHENSE: EXPLORANDO NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

DECOLONIAL STUDIES AND CRITICAL THINKING IN PORTO VELHENSE LITERATURE: EXPLORING NARRATIVES OF RESISTANCE AND IDENTITY

José Flávio da Paz

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6600-9548>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

Doutor em Estudos Literários

Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri-PPGL/URCA, Brasil

E-mail: jfp1971@gmail.com

Jaqueline Costa de Souza

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7666-7393>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3730848780946867>

Mestra em Estudos Literários

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Porto Velho-SEMED/PVH, Brasil

E-mail: costajaqueline@gmail.com

Luci Mary Corrêa Lopes

Orcid: <https://orcid.org/0000.0003.3688.447X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983113735175980>

Mestra em Estudos Literários

Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Porto Velho-SEMED/PVH, Brasil

E-mail: lucimaryc@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe explorar a literatura porto-velhense de natureza infantojuvenil sob a ótica dos estudos decoloniais e do pensamento crítico, visando revelar as narrativas de resistência e identidade presentes nas obras *Heitor, o curumim* (2023), *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* (2019);), *Escrevivências na Amazônia encantada* (2023), *Meu porto minha velha* (2022), e *Maria do Rio* (2023), respectivamente das autoras Célia Marques, Claudenice Luna, Eva da Silva Alves, Gláucia Negreiros e Nair Ferreira Gurgel do Amaral, as quais trazem à baila temas como a inclusão das diferenças socioeconômicas e culturais, de linguagem, de gênero, religião e étnico-racial, bem como, à valorização do patrimônio histórico-cultural, a questão do etarismo e outras do nosso cotidiano, em especial, quando pensamos o

desenvolvimentos dessas temáticas no Ensino Fundamental. Logo, constitui objetivo analisar como a literatura produzida em Porto Velho reflete e contesta as estruturas sociais, políticas e culturais dominantes, investigando como os elementos dos estudos decoloniais e do pensamento crítico são empregados nessas produções literárias para construir narrativas de resistência e identidade. A metodologia da pesquisa adotada foi a de revisão bibliográfica, de cunho qualitativo, ocasião em que serão feitos o levantamento e a análise sobre estudos decoloniais, pensamento crítico e literatura porto-velhense para embasar a pesquisa e, conseqüente análise das obras supracitadas. Este representa a difusão da literatura produzida em Porto Velho com uma abordagem crítica e socialmente engajada e, desse modo, projetamos a qualidade e a primoriedade com que a literatura se constrói no interior desta Região.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; sociologia do pertencimento; estudos culturais; estudos literários; cultura, identidade e literatura de Rondônia.

ABSTRACT

This article proposes to explore Porto Velhense literature of a children's nature from the perspective of decolonial studies and critical thinking, aiming to reveal the narratives of resistance and identity present in the works *Heitor, o curumim* (2023), *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* (2019);), *Escrevivências na Amazônia encantada* (2023), *Meu porto minha velha* (2022), and *Maria do Rio* (2023), respectively by the authors Célia Marques, Claudenice Luna, Eva da Silva Alves, Gláucia Negreiros and Nair Ferreira Gurgel do Amaral, who bring up themes such as the inclusion of socioeconomic and cultural differences, language, gender, religion and ethnic-racial, as well as the appreciation of the historical-cultural heritage, the issue of ageism and others of our daily lives, especially when we think about the development of these themes in Elementary School. Therefore, the objective is to analyze how the literature produced in Porto Velho reflects and contests the dominant social, political and cultural structures, investigating how the elements of decolonial studies and critical thinking are employed in these literary productions to build narratives of resistance and identity. The methodology of the research adopted was that of bibliographic review, of a qualitative nature, at which time the survey and analysis of decolonial studies, critical thinking and literature from Porto Velho will be carried out to support the research and, consequently, analysis of the aforementioned works. This represents the diffusion of literature produced in Porto Velho with a critical and socially engaged approach and, in this way, we project the quality and refinement with which literature is built within this Region.

Keywords: Children's literature; sociology of belonging; cultural studies; literary studies; culture, identity and literature of Rondônia.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, situada na região Norte do Brasil, é um espaço rico em diversidade cultural, histórica e social. No entanto, muitas vezes essa diversidade é obscurecida por narrativas dominantes que reproduzem estereótipos e hierarquias sociais.

A literatura porto-velhense, como qualquer expressão cultural de uma comunidade diversa, refletir uma multiplicidade de vozes, experiências e perspectivas, em especial, como a história fundante destas terras que unem povos de origens diversas, pelas migrações e fronteiras, as quais corroboram para denotar uma comunidade em construção contínua, acrescida de uma cidade de ingresso, cheganças e passagens. Todavia, acolhedora e receptiva as diferenças que a solidifica. Uma Capital aprendente e ensinante, poderíamos, dessa maneira, categorizá-la.

No entanto, quando reafirmamos a existência de vozes obscurecidas por narrativas dominantes que privilegiam determinados grupos sociais, valores e histórias em detrimento de outros, queremos dizer que isso decorre de várias razões, entre elas, podemos destacar a centralização cultural, pois, muitas vezes, a produção cultural de regiões periféricas, como Porto Velho, é marginalizada em relação às produções culturais das regiões centrais do Brasil. Isso pode levar à falta de visibilidade e reconhecimento das obras produzidas na cidade, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e hierarquias sociais, perceptíveis, no desejo de padronizar práticas sociais e culturais, constituindo perdas significativas na construção da amazonicidade que o local requer.

Por outro lado, a constituição de um “ser amazônida”, pode gerar imagens simbólicas estereotipadas acerca do povo e da cidade, pois identificamos que, quando Porto Velho é representada na literatura convencional, ela o é de forma estereotipada e simplificada, sem levar em conta a diversidade e complexidade do município e de seus habitantes. Isso pode resultar na perpetuação de clichês e preconceitos sobre a região e suas pessoas.

Outro aspecto seria a influência de narrativas hegemônicas, aquelas narrativas dominantes na sociedade, muitas vezes construídas a partir de perspectivas privilegiadas e que tendem a impor uma visão única da realidade, silenciando vozes dissidentes e marginalizadas.

Isso pode dificultar a expressão de experiências e pontos de vista divergentes na literatura porto-velhense, bem como limitar o acesso aos meios de produção cultural.

Assim, este trabalho insiste no reconhecimento dessas narrativas e, de muitas outras produzidas por escritoras, escritores e poetas de Porto Velho - ou a partir desta cidade, como fator fundamental para promoção de uma representação mais autêntica e inclusiva da cidade e de suas comunidades na literatura.

2 CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA PRODUZIDA EM PORTO VELHO E SUAS CONTESTAÇÕES

Ao afirmarmos que a literatura porto-velhense não deixa em nada a desejar às demais do Brasil e do mundo, é porque temos como constatar os produtos que perpassam os fanzines, as HQ's, as poesias e narrativas em seus mais diversos formatos e estilos. A cultura por uma poesia verbivocovisual também se instala de modo significativo, trazendo em si temáticas indígenas, afrodescendentes e memorialistas, visto que o Estado, de maneira mais geral, é formada por diversas culturas que migraram e se instalaram nessa Região. Além, da fronteira com o Estado Plurinacional da Bolívia, a oeste e ao sul.

Concernente à produção literária de Porto Velho, podemos reafirmar sua riqueza por meio de temáticas que abrangem questões locais, com ênfase específica para as questões da literatura folclórica, aquela que abarca "(...) certo tipo de manifestação da cultura tradicional-popular de muitos povos, as quais são denominadas pelos especialistas com a feliz expressão Literatura Oral, ou Literatura Folclórica..." (Pellegrini Filho, 1986, p. 9).

Nesse sentido, Weitzel (1995) afirmou que:

O folclore literário compreende duas grandes divisões:

a – o *folclore narrativo*, abrangendo as lendas, os mitos, os contos, as fábulas, os casos e o anedotário popular;

b – o *folclore poético*, que engloba o cancionário materno, com os seus acalantos, as cantigas infantis, com uma gama imensa de brincadeiras cantadas, os romances, os abecês, as quadras, os desafios e a literatura de cordel (Witzel, 1995, p. 25).

Sustentado nessas premissas, acrescento a afirmativa,

de que apesar do acentuado crescimento populacional e comercial, por ser o centro político e administrativo do Governo, o folclore sobrevive e resiste ao tempo porque é fruto da sabedoria popular e expressão máxima da feição de uma comunidade (Monteiro, 2006, p. 81).

Diante do exposto, esclarecidos acerca do que seria a literatura folclórica e a quem a pertence, a escolha pelas obras *Heitor, o curumim*, de Célia Marques, publicada em 2023, *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying*, de Claudenice Luna, publicada em 2019, *Escrevivências na Amazônia encantada*, de Eva da Silva Alves, publicada em 2023, *Meu porto minha velha*, de Gláucia Negreiros, lançada em 2022, e *Maria do Rio*, de Nair Ferreira Gurgel do Amaral, publicada em 2023, ilustra bem o que é viver na cidade de Porto Velho e promove seus aspectos mais singulares.

A escritora Célia Marques, nome artístico de Célia Cristina Marques de Oliveira, embora nascida em Queimados-RJ, vive em Porto Velho desde muito pequena. Além do livro objeto de estudo deste artigo é autora de *Sabores poéticos*, da editora Viséu, *Norte poético e Sonhos*, esses com *Heitor, o curumim* foram publicados editora Frutificando e todos lançados no ano de 2023. Antes disso, participou de coletâneas diversas.

Claudenice Luna é o pseudônimo de Claudenice Luna Leite, natural de Porto Velho e autora das obras: *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* lançado em 2019, objeto de análise deste estudo; e, de *As aventuras de Leudinho e as borboletas*, em 2023, sendo a primeira publicada pela editora Autobiografia e o segunda pela Casa Kids editorial.

A autora da obra *Escrevivências na Amazônia encantada*, investigada neste trabalho é Eva da Silva Alves que além desse produto possui quase uma dezena de outras publicações que trazem temáticas amazônicas como a vida nos seringais, a encantaria, a vida na floresta, interculturalidades, a cultura ribeirinha e muitas outras.

Dentre suas produções constam: *Você e eu somos especiais* (2023), *Sonho de Amina de Zazzau do Rio Madeira* (2023), *O que ninguém inventou?* (2023), *Vamos pescar um piau?* (2023), *Coisas que não se aprende nos livros* (2022), *O cabeça de cuia e a mãe da seringueira* (2021), *Floresta e rios: a encantaria amazônicas* (2021), *A mãe da seringueira e a onça* (2021),

sendo as cinco primeiras publicadas pela Temática Editora & Cursos e as três últimas pela editora Educar. A escritora é pesquisadora e suas obras resultantes dessas não estão listadas neste ato, por termos como ponto focal a literatura voltada para crianças.

Outrossim, destacamos que, embora Eva da Silva Alves seja rondoniense, natural de Guajará-Mirim tem nessa localidade suas inspirações e encantarias literárias, ela reside e produz em Porto Velho, inclusive com muitas das suas obras em versões bilíngues em espanhol e inglês.

A escritora Gláucia Negreiros, nascida Gláucia Lopes Negreiros é natural de Goiânia-GO, vindo para Porto Velho ainda criança, onde reside há quase quatro décadas é autora do livro *Meu porto minha velha*, lançada em 2022. Trata-se da sua única obra publicada até o momento. Dado o aspecto promissor da sua escrita memorialista e necessária ao aspecto valorativo do patrimônio local esperam-se futuras publicações. Esse último fator foi crucial para a escolha da obra, dada a escassez de produtos que versem sobre elementos que desvendem os espaços e representações materiais da cultura local.

A obra *Maria do Rio*, de Nair Ferreira Gurgel do Amaral, objeto de pesquisa deste artigo foi publicada em 2023 e se trata de uma primorosidade quando falamos do reconhecimento da “*beradeiragem portovelhês*”, termo cunhado pela autora e pesquisadora das áreas de identidade, interculturalidade, preconceito e variação linguística, detentora de uma fortuna crítica admirável e respeitada pelas categorias educacional e sociocultural de Rondônia.

Segundo a autora, o termo “beradero” faz referência àquelas

(...) pessoas que reagiram e se empoderaram pelo sentimento de pertencimento, criando uma identidade “*beradera*”. Portanto, são os ‘*BÉRA*’ – artistas (músicos, poetas, escritores, pintores, dançarinos etc.) estudantes e população, de modo geral, identificados com a causa que ao invés de rejeitarem o termo, o adotaram como marca identitária.

Logo, ser “beradero” é conhecer nossos artistas plásticos; ler nossos escritores; ouvir nossos músicos; valorizar nossas danças, nosso teatro, nosso artesanato, nossa culinária etc.

Ser “beradero” é ter orgulho de ser “daqui”. Nós somos beraderos, parentes, manos e, por isso, aqui cabe uma ruma de gente, espalhada pelo estado todo: gente que trouxe na bagagem cultural o chimarrão, o pão de queijo, o baião-de-dois, o tereré, a maniçoba, o arroz com pequi, o acarajé, a rapadura e misturou com o tucupi, o açaí, o tambaqui e o jaraqui.

Hibridizados, somos juntos e misturados. Essa é a nossa identidade. Então, pode chegar mais, maninho, pois a farinha não é pouca, o peixe não tem pitiú e o suco é de cupuaçu. Rondônia é tri legal, porreta, bão demais da conta, no 12! Aqui tem piseiro, pomba lesa e aluá. Espalhados por todas as cidades do estado, existem os piás, as gurias, os moleques, as tilangas, os pomba lesa e os bera.

Ser “beradeiro” é fazer parcerias, ajudar o colega a divulgar seu trabalho, vestir a camisa. Gostar de farinha d’água, falar “maceta”, tomar vinho de açaí do jeito que você quiser (Amaral, 2023, s/p).

Isso justifica o carinho, a dedicação e a ideia de pertencimento que a autora tem pela cidade de Porto Velho, uma vez que nasceu em Coxim-MS e desde 1972 reside na capital rondoniense, ou seja, mais de cinco décadas dedicadas à escrita e ao reconhecimento da comunidade por meio dos princípios da linguagem multifacetada que se apresenta cotidianamente no seu fazer e viver portovelhês.

Em todas as escritoras, encontramos uma identidade fortalecida pelo anseio de crescimento e valorização da cultura e dos hábitos e costumes que representam o povo de Porto Velho. Reportamo-nos à premissa de Stuart Hall de que “a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2016, p. 22). Logo, a identidade é redefinida historicamente, havendo, sempre, dentro de nós, identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções e reconstruindo novos saberes e conhecimentos.

Essas escritoras possuem em comum suas formações acadêmicas, são professoras e gestoras da educação básica ou do ensino superior, igualmente, seus espaços laborais - escolas, universidades e secretarias de educação. Seja em sua forma inicial ou em fase final de carreira, todas estão envolvidas com a educação do povo rondoniense, o que as torna ainda mais preocupadas com o dia a dia das crianças e dos ambientes educativos.

São figuras importantes duplamente na literatura e na educação das crianças e dos porto-velhenses contemporâneos, tendo contribuído significativamente para a promoção da cultura e da identidade local por meio de sua produção literária e ativismo cultural e educacional. Suas obras são marcadas por uma sensibilidade aguçada para as questões sociais, ambientais e culturais, explorando temas como a Amazônia, a natureza, a memória e a

diversidade étnica e cultural da região, contribuindo para a disseminação do conhecimento e o fortalecimento da cena cultural em Porto Velho e arredores.

Suas trajetórias e obras representam uma voz importante na literatura, destacando a diversidade e a riqueza cultural da Amazônia e de Porto Velho em particular.

3 A LITERATURA PORTO-VELHENSE E A ANÁLISE DAS OBRAS

Os produtos literários objetos desta pesquisa apresentam temáticas peculiares do cotidiano porto-velhense, aquilo que denominamos na teoria literária de “verossimilhança” que, na literatura refere-se à qualidade de uma história ou narrativa que parece realista ou crível, mesmo que seja fictícia.

Em outras palavras, é a capacidade do autor de criar um mundo imaginário ou personagens que parecem plausíveis e convincentes para o leitor, mesmo que a história em si não seja verdadeira. Nesse sentido, a verossimilhança é crucial para o engajamento do leitor, pois permite que ele se conecte emocionalmente com a história e seus personagens. Quando uma história carece de verossimilhança, expressão cunhada pelo poeta, crítico e ensaista inglês Samuel Taylor Coleridge e se caracteriza, na Literatura, pela capacidade de uma história ou narrativa parecer real ou plausível aos olhos do leitor, mesmo em obras de ficção, podendo os leitores terem dificuldades em suspender sua descrença e se envolver totalmente com o que está sendo contado no caso da sua ausência.

Os elementos que contribuem para a verossimilhança incluem a consistência interna da história, ou seja, se os eventos e personagens se encaixam logicamente dentro do mundo criado pelo autor, a profundidade e complexidade dos personagens, a descrição detalhada do ambiente e a maneira como os personagens respondem aos acontecimentos ao seu redor.

Essas afirmativas são constatadas em *Heitor, o curumim* no início da obra: “Este livro foi inspirado nas aventuras de um amigo chamado Heitor, um menino negro com cabelos encaracolados e de beleza ancestral. O garoto usa óculos especiais que possibilitam enxergar o mundo com mais beleza.” (Marques, 2023, p. 3). Nessa perspectiva, o narrador é externo à história e relata os eventos de maneira objetiva, sem entrar nos pensamentos ou sentimentos

dos personagens. Ele simplesmente observa e descreve o que acontece. Nesse caso, temos um o narrador em terceira pessoa objetivo ou observador, como categorizado na obra *Discurso da narrativa: ensaio de método*, de Gerard Genette, publicado em 1979.

O livro *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* apresenta no seu enredo uma sucessão de acontecimentos que permeiam o cotidiano de uma menina negra, da periferia porto-velhense, recém-chegada no ambiente escolar e é vítima de *bullying*. Por seus coleguinhas da sala de aula, em especial, nos momentos dos intervalos. Todavia, tem na sua família e em alguns poucos colegas o apoio necessário e a sustentação para superar as dificuldades vivenciadas. Na sua casa, a mãe, o pai e o irmão elogiam seus cabelos cacheados. Na escola, professores e gestores pedagógicos iniciam empreitas educativas antirracistas, tendo como fechamento a compreensão de que somos diferentes e singulares. A constituem a ação, em uma produção literária (história, novela, conto etc.); trecho, trama

Nessa obra encontramos ainda, a marca textual autobiográfica da autora quando afirma, igualmente, no início da obra: “Foi num dia de janeiro que nasceu o segundo filho de dona Maria. Era uma menina de pele negra, lábios grossos, olhos graúdos e castanhos, além de cabelos cacheados. Seu nome: LUNA.” (Luna, 2019, p. 5). Sua escrita apresenta uma narrativa feita em terceira pessoa, ou seja, o narrador conta a história do ponto de vista da perspectiva de um personagem, mas de alguém que vê a história de cima para baixo, um narrador onisciente. Embora esteja fora da história, ele tem acesso aos pensamentos e sentimentos apenas desses personagens limitados.

O enredo da obra *Escrevivências na Amazônia encantada*, é feito com por um narrador em primeira pessoa. Este narrador é a personagem da história que conta os eventos do ponto de vista pessoal, usando pronomes como “eu” e “minha”. Eles têm conhecimento limitado dos eventos e estão diretamente envolvidos na história.

Concernente à ideia de verossimilhança, podemos afirmar que se aproxima ao percurso vital da autora e sua trajetória dos seringais ao contexto acadêmico na cidade.

A obra *Meu porto minha velha* traz fatores saudosistas, memorialísticos e históricos da vida da autora na cidade de Porto Velho, apresentando, inclusive, elementos do patrimônio histórico-cultural e personagens ilustres da cidade.

Nesse sentido, a literatura produzida por Gláucia Negreiros pode explorar uma variedade de temas e aspectos que refletem a cultura, história e identidade da cidade. Quando destacamos os aspectos saudosista, memorialístico e históricos da sua obra, estamos nos referindo ao evocar de sentimentos de nostalgia ao descrever lugares, eventos ou momentos significativos da história de Porto Velho e das pessoas que possam ter colaborado com a sua construção, bem como deixado ou mudado de lugar ao longo do tempo.

Isso incluir lembranças vivenciadas com parentes, no caso da Vó Lourdes, de paisagens naturais como o rio Madeira, tradições culturais como as indígenas e da prática dos seringais, ou até mesmo mudanças na arquitetura urbana oriundas do processo de migração de povos e culturas “(...) indianos, holandeses, italianos, libaneses... barbadianos... indígenas que aqui habitavam e povos do Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil...” (Negreiros, 2022, p. 13-29)

No que tange ao aspecto memorialístico, *Meu porto minha velha* pode servir como um registro memorialístico, capturando memórias individuais ou coletivas de pessoas, eventos ou períodos específicos da história da cidade. Isso inclui relatos de testemunhas oculares de eventos importantes, biografias de figuras proeminentes da cidade ou até mesmo histórias da família Negreiros, mais de outras que contribuíram para o desenvolvimento da comunidade.

No âmbito histórico, destaca-se, ainda na respectiva obra, a valorização dada ao cenário porto-velhense, o qual tem como pano de fundo uma rica história, especialmente relacionada à época da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e à exploração da borracha na região amazônica. A literatura explora eventos históricos cruciais, oferecendo *insights* sobre as condições de vida dos trabalhadores da ferrovia, as lutas sociais e políticas da época, bem como os impactos duradouros desses acontecimentos na cultura e na identidade da cidade.

Na promoção do conhecimento histórico, *Meu porto minha velha* também pode servir como uma ferramenta poderosa para educar as gerações futuras sobre a história da cidade de Porto Velho. Ao incorporar acontecimentos históricos importantes, como os supracitados, ajuda a manter viva a memória desses acontecimentos e destacar sua relevância para o desenvolvimento da região. Através de narrativas que destacam os pontos turísticos, monumentos históricos e tradições culturais de Porto Velho, a obra pode desempenhar um papel

importante na promoção do turismo cultural na cidade, despertando o interesse dos leitores por sua herança cultural, contribuindo para impulsionar a economia local e preservar os locais históricos para os cidadãos e as cidadãs.

No que diz respeito ao narrador do texto *Meu porto minha velha* podemos afirmar que se trata de uma narrativa em terceira pessoa. Enquanto na obra, *Escrevivências na Amazônia encantada*, de Eva da Silva Alves, em primeira pessoa, pois a personagem da história narra os acontecimentos do ponto de vista pessoal e tem conhecimentos limitados acerca deles, estando diretamente envolvidos na história.

O enredo apresentado em *Meu porto minha velha* faz referência a uma Porto Velho antiga, desde a chegada daqueles que foram nomeados de pioneiros, oriundos do sul e do nordeste brasileiro, mas também de estrangeiros que chegaram para instalar a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, edificar a cidade e interliga-la às margens do rio Mamoré, na cidade de Guajará-Mirim-Rondônia, fronteira com a província de Beni-Bolívia, objetivando ainda o escoar da produção agrícola e mineral desse trecho.

A narrativa versa sobre os aspectos patrimoniais do povo porto-velhense e o seu cotidiano frente aos rios Madeira e Mamoré, a Estrada de Ferro, as Caixas D'Água. Traz memórias alusivas a chegada dos seringueiros, das relações indígenas, nomes de personalidades e vultos daqueles que compuseram a história da cidade.

O enredo da obra *Escrevivências na Amazônia encantada*, de Eva da Silva Alves, pode-se afirmar que se trata de uma biografia e um relato memorialístico, uma vez que a autora narra a sua trajetória vital e o interesse pela escrita e pela leitura. Reafirma sua identidade amazônica, os compromissos assumidos desde sua infância, sua relação com os seringais, em especial quando durante o período que morou na sua terra natal, Guajará-Mirim. A compreensão das primeiras letras e o incentivo dos seus familiares, em especial, a sua mãe que lhe ensinou o alfabeto de maneira cantarolada. Faz uso de uma linguagem simples e de termos utilizados na região amazônica. Como a própria narra:

Sou uma escritora da Amazonicidade
Escrevo sobre
Os bichos,
As crenças,

As lendas...
Os trabalhos,
As culturas,
As misturas... (Alves, 2023, p. 16).

A obra *Maria do Rio*, de Nair Ferreira Gurgel do Amaral, narra fatos da cultura ribeirinha e “beradeira”, envolvendo mitos e narrativas, por meio de uma linguagem verbivocovisual própria destas terras e dos seus habitantes, com sagacidade, pertencimento, regionalismos, intertextualidades, ludicidade e prosa poética.

O texto é narrador em terceira pessoa onisciente, ou seja, não encontramos intervenções diretas da autora na obra. Isto porque esse narrador está fora da história e tem acesso aos pensamentos e sentimentos de todos os personagens. Ele conhece todos os acontecimentos e pode até mesmo prever o futuro dentro do universo da história.

O enredo valoriza os fenômenos da criatividade do homem e da mulher ribeirinhos, trazendo em seus meandros aspectos da poética da natureza, ou seja, abrange uma variedade de elementos, refletindo a relação entre os seres humanos e o ambiente natural e perpassa por uma rica variedade de imagens sensoriais, que apelam para os sentidos do leitor, incluindo descrições detalhadas de paisagens, sons naturais, cheiros, texturas e sensações táteis, criando uma experiência imersiva para quem ler a sua obra. Basta que retomemos o momento que narra: “O bolo ainda estava inteiro, a noiva estava ali, sempre ao lado do padre, e os convidados pareciam aguardar o momento solene, enquanto comiam, bebiam e dançavam” (Amaral, 2023, p. 9). Ou ainda, “Um perfume forte tomou conta do ambiente...” (p. 13) entre outras.

Além disso, *Maria do Rio*, apresenta elementos da natureza que são personificados, ou seja, são atribuídas características humanas. “As águas continuavam a correr. Barrentas, velozes e traiçoeiras. Pedacos de madeira, troncos de árvores e galhos secos eram os personagens apressados que acompanhavam o ritmo frenético das águas.” (Amaral, 2023, p. 15). Esses são exemplos comuns de como a natureza é humanizada nessa prosa.

A obra *Maria do Rio* apresenta inúmeros elementos de provocação do imaginário do leitor que desempenham um papel fundamental na sua leitura, sendo essenciais para a criação e apreciação da obra, possibilitando a criação de mundos e personagens, a exploração de temas e ideias, o exercício da empatia, o estímulo à criatividade e a oferta de escape e entretenimento

para os leitores. Todavia, pode não apresentar verossimilhança quando os elementos da história, personagens, situações ou ambientações parecem improváveis, inconsistentes ou pouco plausíveis dentro do universo ficcional criado pelo autor.

4 OS PRINCIPAIS TEMAS, MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS NARRATIVAS UTILIZADAS PELOS AUTORES PORTO-VELHENSES PARA PROBLEMATIZAR QUESTÕES SOCIAIS E PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO CRÍTICA

Nas obras *Heitor, o curumim* (2023) e *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* (2019) encontramos elementos temáticos comuns quando nos referimos às questões étnico-raciais com ênfase na cultura afrodescendentes e indígenas, bem como, nos itens sociais de natureza urbano e rural. Isso porque, seja Heitor seja a Luna, personagens das obras, respectivamente, são representados como afrodescendentes apontado pelas autoras como sendo afrodescendentes. Entretanto, duas outras questões são enfatizadas, o Heitor é uma criança feliz, enquanto Luna é vítima do *bullying*.

Nesse sentido, é preciso compreender que o *bullying* é uma das principais formas de violência, situando-se no âmbito psicológico, afinal, trata-se de

Qualquer conduta de discriminação, depreciação ou desrespeito em relação à criança ou ao adolescente mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, agressão verbal e xingamento, ridicularização, indiferença, exploração ou intimidação sistemática (*bullying*) que possa comprometer seu desenvolvimento psíquico ou emocional (Brasil, ECA, 1990, s.p)

Ainda, nas obras das autoras Célia Marques e Claudenice Luna podemos identificar um cenário díspare entre uma e outra. Em *Heitor, o curumim* encontramos um espaço típico florestal, talvez daí, a perspectiva curumim de ser, a criança apresentada como personagem em um tempo, igualmente cronológico em ambas as obras, ou seja, é a sequência linear dos eventos na ordem em que ocorrem na história. A maioria das histórias segue essa progressão linear do tempo.

Todavia, como antes dito, *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* tem seus espaços identificados ora no ambiente escolar ora no seio da família. Por sua vez, os cenários de *Heitor, o curumim*, *Escrevivências na Amazônia encantada* e *Maria do Rio* apresentam a floresta, as populações tradicionais da Amazônia e a natureza em geral, contempladas pelo silêncio do interior das matas, dos rios caudalosos e igapós, das revoadas dos pássaros, suas narrativas e mitos.

Esperançar é a ordem. Segundo Paulo Freire: “É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade sugiram o contrário” (Freire, 2015, p. 107). Esperançar por dias melhores e povos mais esclarecidos e comprometidos, constituem os desejos de Maldonado, mas também de todas as escritoras e obras, aqui analisadas, bem como por todas e todos que habitam essas Terras de Rondônia e da Amazônia.

Esperançar é que nos apresenta a pesquisadora e escritora Eva da Silva Alves na obra *Escrevivências na Amazônia encantada* (2023) na qual registra minuciosamente o seu percurso social, histórico-cultural e instrucional. Sua verossimilhança, decerto inspirará seus leitores e suas leitoras na busca por dias melhores. Seus relatos nos aproximam do cotidiano dos seringais e da vida na floresta, mas ajuda-nos a criar cenários futuros que perpassam a imaginação. Conduz-nos à criação por meio do imaginário, mas coloca o seu leitor frente a uma realidade que, enquanto criança pequena também pode alcançar.

Afinal, o seu percurso não difere do relatado na obra *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, da escritora e ativista estadunidense bell hooks (1952-2021), a qual

(...) narra seu processo de formação acadêmica e identifica como epicentro de sua brilhante carreira a vivência como estudante de escola segregada onde professoras e professores alicerçaram o processo de ensino no fortalecimento da autoestima e na crença absoluta na capacidade de estudantes negros e negras construírem trajetórias acadêmicas com a excelência necessária para sustentá-los no confronto com o poder e com os efeitos do pensamento supremacista branco que enfrentariam ao longo de suas carreiras. Diante disso, a transformação da sala de aula em ambiente de afirmação da autoestima de jovens e crianças negras é central em sua experiência como educadora do ensino básico e superior e no desenvolvimento dos pilares de sua pedagogia engajada” (hooks, 2021, p. 6).

Obviamente, há muitas pessoas empáticas com a autora de *Escrevivências na Amazônia encantada* e carecem de colaboradores para ingressar, permanecer e ascender social e economicamente, pois ainda persistem as subalternidades e achatamentos das classes menos favorecidas.

Acerca dos primeiros conceitos de subalternidade, sustentando-nos nas concepções fundantes do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937) para identificar a hegemonia cultural que exclui pessoas e grupos sociais específicos das instituições socioeconômicas de uma sociedade e achatamento das classes encontraremos como fonte, em seus estudos que, embora pensados para o cenário hierárquico dos militares, aludem às especificidades do contexto atual das sociedades.

Diante do exposto, a obra *Escrevivências na Amazônia encantada* poder ajudar a romper com a subalternidade em uma sociedade capitalista, ainda que pareça um desafio complexo. No entanto, se faz *mister* o entendimento de que essa não é apenas uma jornada individual, mas também um esforço coletivo para promover mudanças sociais e econômicas que beneficiem a todos.

A obra *Maria do Rio* traz muito desse senso de pertencimento. Isso se coaduna positivamente com o modo de ser e estar na região amazônica. Reconhecer-se diferente, singular e com muitas saberes e conhecimentos para contribuir com o desenvolvimento local sustentável e para as gerações de hoje e do futuro.

Manter o imaginário coletivo e perceber que precisamos valorizar e respeitar a natureza, compreendendo o muito que ela se esforça para nos ajudar e nos mante, enquanto espécie humana. Reconhecer ainda, nas palavras e indagações da escritora Lígia Assumpção Amaral, contidas na obra *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas* (1998), organizada pelo pesquisador Julio Groppa Aquino:

Para falarmos de diferença, precisamos falar de semelhanças, de homogeneidade, de normalidade, de correspondência a um dado modelo. Mas quais conceitos utilizaremos para “decretar” que um objeto, um fenômeno, alguém ou algum grupo é diferente? E quando considerarmos “significativamente diferente”? Quais os parâmetros? (Amaral, 1998, p. 12).

Tais questionamentos nos induzem a novas reflexões e inquietações do tipo que categoriza pessoas e situações em determinadas relativizações e análise acerca de estruturas e funcionalidades. Afinal, o que nos distinguiria e o que nos faz comuns? Quais perfis o grupo dominante deseja para nós povos servis? Seriam eles a determinar algo ou alguma coisa? O que bebermos? O que devemos comer? Como (con)vivermos? É para pensarmos um pouco e reagirmos o quanto antes e possível.

Aliada nessa tentativa de superação e valorização da pessoa humana, do patrimônio cultural, *Meu porto minha velha* (2022) surge, igualmente, como elemento crucial, trazendo temáticas pertinentes que coadunam com os princípios, as diretrizes conceituais e os processos circundantes da questão da educação patrimonial desde a mais tenra idade, atendendo ao que preceitua o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN (2014):

É imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implantação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva de conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social local. Ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informação – modelo designado por Paulo Freire como “educação bancária” (Brasil, IPHAN, 2014, p. 20).

Nesse sentido, *Meu porto minha velha* corrobora ainda, com os estudos de Michael Pollak (1989) na obra *Por uma sociologia do pertencimento*, publicada em 2022, pelas pesquisadoras Iranira Geminiano de Melo, Maria Enísia Soares de Souza e Xênia de Castro Barbosa que afirmam:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão

interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum (Pollak, 1989, p. 7 *apud* Melo; Souza; Barbosa, 2022, p. 22).

Esse, portanto, é o sentimento a que *Meu porto minha velha* (2022) nos conduz, a uma sensação de pertencimento, de zelo e carinho na manutenção das riquezas materiais e imateriais naturais da cidade e do povo de Porto Velho. Desejo de se reconhecer como parte de um passado que percebe a história correr aos olhos e a ânsia de construir dias melhores para todos e todas que nela habitam.

De maneira mais ampliada, as narrativas das obras analisadas apresentam visões crítico-políticas que englobam inúmeras dimensões importantes, tais como dignidade humana, diversidade cultural, qualidade de vida, convivência, ecologia, solidariedade, cidadania planetária e sustentabilidade do planeta. Isso ajuda-nos a construir novos caminhos para a vida, para a humanização, a civilização e a formação humana, provocando a consciência de que fazemos parte de uma comunidade de destino da espécie humana e uma política de civilização pautada na qualidade de vida, na solidariedade, nas necessidades poéticas e estéticas do ser humano, no bem-estar, em sentido existencial, como preceitua Morin (2015),

(...) uma política de civilização capaz de garantir dignidade humana e diversidade cultural, assim como fomentar política de qualidade de vida; política de convivência; política ecológica; política de solidariedade; por meio da cidadania planetária e da sustentabilidade do planeta" (Morin, 2015, p. 20).

Outra ressalva, diz respeito ao fato de as personagens dessas produções serem todas crianças, fazendo o leitor e/ou leitora também infântis, a autoidentificação, a resiliência e a empatia. Embora, não necessariamente, personagens infantis não infantilizam obrigatoriamente os leitores e a definição exata de “criança” possa variar em diferentes contextos culturais e legais, geralmente se refere a um ser humano em seus primeiros estágios de vida, desde o nascimento até a adolescência e se caracterizam, essencialmente, pelo grande senso de curiosidade e capacidade explorativa e prontidão para os jogos e aguçada imaginação, pois essa é uma parte essencial do desenvolvimento infantil, permitindo que as crianças experimentem papéis, resolvam problemas, desenvolvam habilidades sociais e exercitem sua criatividade.

Todavia, há de se reconhecer sua vulnerabilidade e dependência dos cuidadores adultos para atender às suas necessidades básicas e protegê-las. Outrossim, frequentemente exibem uma pureza e espontaneidade em sua abordagem à vida, sem as complexidades e preocupações que muitas vezes acompanham a idade adulta.

Dessa forma, não restam dúvidas acerca dos valores individuais e coletivos de *Heitor, o curumim* (2023), *Luna: a menina que conseguiu superar o bullying* (2019), *Escrevivências na Amazônia encantada* (2023), *Meu porto minha velha* (2022), e *Maria do Rio* (2023) de autoria de Célia Marques, Claudenice Luna, Eva da Silva Alves, Gláucia Negreiros e Nair Ferreira Gurgel do Amaral para a comunidade porto-velhense e para a cultura literária brasileira e universal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições socio-histórico-culturais das autoras e das suas obras são inúmeras, não somente para o reconhecimento e valorização da produção literária local, mas para reforçar a qualidade da produção literária local, destacando sua relevância no contexto nacional e internacional.

Pode-se afirmar que, as obras analisadas são vanguardistas e visionárias que englobam várias dimensões das relações interculturais e abrangem questões que perpassam pelos conceitos de dignidade humana, diversidade cultural, qualidade de vida, convivência, ecologia, solidariedade, cidadania planetária e sustentabilidade do planeta.

Nesse sentido, é possível concluir que a seleção de obras representativas da literatura produzida em Porto Velho foi acertada e suas análises detalhada de seus conteúdos, estruturas narrativas e uso de elementos críticos seguiram as exigências metodológicas, cumprindo os objetivos apresentados inicialmente.

Todavia, poderemos melhorar nossos resultados se pudermos, em um futuro breve, realizar de entrevistas com essas escritoras, elaborar outras críticas sobre essas e outras literaturas produzidas em Porto Velho, bem como, contatar leitores dessas narrativas para obter

insights sobre a recepção leitora acerca do processo de criação, recepção e impacto das obras nas suas ações diárias e vivenciais.

Uma vez desenvolvidas tais iniciativas, poderemos ainda, mapear as principais características da literatura porto-velhense no que diz respeito à sua relação com a os estudos decoloniais e o pensamento crítico, identificando padrões e tendências na abordagem de questões sociais, políticas e culturais nas obras literárias analisadas, bem como, colaboramos na promoção de um *corpus* de dados que contribua para futuras pesquisas acadêmicas sobre literatura regional e crítica social.

REFERÊNCIAS:

ALVES, E. S. **Escrevivências na Amazônia encantada**. Porto Velho: Temática Editora & Cursos, 2003.

AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. *In.*: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

AMARAL, N. F. G. Linguagem, letramento, cultura e identidade ribeirinha. *In.*: **II Encontro Internacional sobre educação Especial, Inclusão e Diversidade**. Porto Velho: PPGE/UNIR, 19 de mai. de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/LElejWoAasQ>. Acesso em: 18 mai.2024.

AMARAL, N. F. G. **Maria do Rio**. Porto Velho: Temática Editora, 2023.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa: ensaio de método**. São Paulo: Arcádia, 1979.

GONÇALVES, E. Reaprendendo a esperar. *In.*: HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Carlos: Elefante, 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, 2016.

LUNA, Claudenice. **Luna: a menina que conseguiu superar o bullying**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

MARQUES, C. **Heitor, o curumim**. Rio de Janeiro: Frutificando, 2023.

MELO, I. G.; SOUZA, M. E. S.; BRABOSA, X. C. **Por uma sociologia do pertencimento**. Curitiba: CRV, 2022.

MONTEIRO, J. **O folclore em Porto Velho**: noções e práticas. 2. ed. Porto Velho: Editora Primmor, 2006.

MORIN, E. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NEGREIROS, G. **Meu porto minha velha**. Porto Velho: Temática Editora, 2022.

PELLEGRINI FILHO, A. **Literatura folclórica**. São Paulo: Nova Estela/Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 3-15. 1989.

SIMIONATTO, I. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Revista Katálysis**, v. 12, n. 1, p. 41–49, jan.2009.

WEITZEL, A. H. **Folclore literário e linguístico**: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular. 2. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.